

Educação midiática: o comportamento de estudantes nas redes sociais e a propagação de informações falsas

Media literacy: student behavior on social media and the spread of false information

Educación mediática: el comportamiento de los estudiantes en las redes sociales y la propagación de información falsa

Ana Carolina Kalume MARANHÃO¹
Paulo Henrique Soares de ALMEIDA²

Resumo

Este artigo investiga o comportamento de estudantes do Ensino Médio do Distrito Federal nas redes sociais, com ênfase na disseminação de informações falsas. A pesquisa, conduzida entre novembro de 2023 e março de 2024, utilizou questionários estruturados aplicados a 180 alunos de escolas públicas e particulares. Os resultados revelam uma deficiência expressiva na educação midiática desses jovens, destacando a urgência de estratégias educacionais que promovam abordagens mais críticas e conscientes na análise e compartilhamento de conteúdos digitais.

Palavras-chave: redes sociais; informações falsas; educação midiática.

Abstract

This article investigates the behavior of high school students in the Federal District on social media, with an emphasis on the dissemination of false information. The research, conducted between November 2023 and March 2024, used structured questionnaires administered to 180 students from public and private schools. The results reveal a significant deficiency in media education among these young people,

¹Pós-Doutora em Comunicação (Modos Epistemológicos, Teorías Interdependientes y Complejidad Social - Universidad de la República - UY), (2024). Doutora e mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília. Professora da Faculdade de Comunicação - UnB, e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade de Brasília (PPG-Design/UnB). E-mail: ckalume@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5321-9191>.

² Doutor e Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB), com período de estudos na Universidade Nova de Lisboa, em Portugal. É professor de Empreendedorismo na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC/UnB) e professor na Faculdade Senac-DF. E-mail: pauloalmmeida@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5271-7498>.



highlighting the urgency of educational strategies that promote more critical and conscious approaches to analyzing and sharing digital content.

Keywords: social media; false information; media education.

Resumen

Este artículo investiga el comportamiento de los estudiantes de secundaria del Distrito Federal en las redes sociales, con énfasis en la difusión de información falsa. La investigación, realizada entre noviembre de 2023 y marzo de 2024, utilizó cuestionarios estructurados aplicados a 180 estudiantes de escuelas públicas y privadas. Los resultados revelan una deficiencia significativa en la educación mediática de estos jóvenes, destacando la urgencia de estrategias educativas que fomenten enfoques más críticos y conscientes en el análisis y la difusión de contenido digital.

Palabras clave: redes sociales; información falsa; educación mediática.

Introdução

Nos últimos anos, as redes sociais se consolidaram como espaços para a socialização e a expressão pessoal dos adolescentes. Plataformas como TikTok, Instagram e Twitter oferecem entretenimento, meio de construir identidade, se conectar com amigos e se engajar em questões sociais. No entanto, esse ambiente dinâmico também apresenta desafios, especialmente no que diz respeito à desordem informacional.

A facilidade com que informações são compartilhadas nas redes sociais pode tornar os adolescentes vulneráveis a conteúdos enganosos e manipulação algorítmica. Estudo realizado por cientistas do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT, na sigla em inglês), nos Estados Unidos, revelou que informações falsas têm 70% mais chances de serem compartilhadas do que as verdadeiras, o que agrava a propagação de desinformação.

Segundo o estudo, publicado em 2018 na revista Science, muitas pessoas compartilham conteúdo sem ler, sem assistir aos vídeos até o fim ou sem refletir sobre o significado da mensagem. Apenas encaminham, rapidamente, o que confirma seu viés momentâneo. Essa realidade levanta preocupações sobre o impacto das redes na formação de opinião e na percepção da realidade pelos jovens.

Além da desinformação, há também questões relacionadas à saúde mental. O uso excessivo das redes sociais tem sido associado ao aumento dos níveis de ansiedade, depressão e baixa autoestima em adolescentes. A constante comparação com padrões



irreais e a busca por validação através de curtidas e comentários podem afetar negativamente a autoimagem e o bem-estar emocional dos jovens.

No contexto educacional, o uso excessivo de redes sociais para entretenimento, em detrimento de atividades educativas, afeta diretamente o desempenho acadêmico. Segundo Desmurget (2019), o uso prolongado de dispositivos digitais leva a um declínio nas habilidades cognitivas, emocionais e sociais dos adolescentes, comprometendo áreas como concentração, memória e desempenho escolar. Henry Jenkins (2006) reforça essa perspectiva ao destacar como o consumo passivo de conteúdo digital reduz a produção de conhecimento, ao invés de promover um engajamento crítico e criativo.

Diante desses riscos, diversos países e especialistas vêm adotando medidas para minimizar os impactos negativos das redes sociais na saúde mental dos jovens. Essa tendência global busca reduzir a exposição das crianças a fatores que aumentam a ansiedade, comprometem o foco e o aprendizado, favorecem o cyberbullying e possibilitam o acesso a conteúdos inadequados para a sua faixa etária. No Brasil, em fevereiro de 2025, entrou em vigor a Lei nº 15.100/2025, que restringe o uso de celulares nas escolas públicas e privadas. A legislação surge em resposta ao crescente debate sobre o uso desses aparelhos nas instituições de ensino, que gera grande preocupação a especialistas e à população em geral, devido aos impactos negativos no aprendizado, na concentração e saúde mental dos jovens.

Neste contexto, é essencial promover a educação midiática e o pensamento crítico entre os adolescentes. Pais, educadores e as próprias plataformas digitais têm um papel importante na orientação sobre o consumo consciente de informação e o uso equilibrado das redes sociais. Iniciativas que incentivem a verificação de fatos, a reflexão sobre o impacto das redes na autoimagem e a adoção de hábitos digitais saudáveis são fundamentais para minimizar os efeitos negativos desse ambiente digital.

Portanto, embora as redes sociais sejam um espaço de grande potencial para o desenvolvimento dos adolescentes, é imprescindível abordar seus riscos de forma crítica e educativa. O desafio é equilibrar liberdade de expressão e segurança informacional, garantindo que os jovens possam usufruir das plataformas de maneira consciente e construtiva.

Para discutir o tema e propor ações positivas relacionadas ao impacto das redes sociais entre os adolescentes, este artigo apresenta uma pesquisa aplicada,



desenvolvida por alunos da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC/UnB), no projeto de extensão Conexão Resposta. O estudo visa analisar o comportamento de estudantes do Ensino Médio do Distrito Federal nas redes sociais, com foco na disseminação de informações falsas, e propor estratégias que incentivem uma educação midiática mais eficaz. Essa iniciativa busca promover a alfabetização digital crítica, capacitando os jovens para avaliar a veracidade das informações e adotarem uma postura mais responsável e consciente no uso das redes sociais.

Desordem informacional

A desordem informacional apresenta um desafio na sociedade contemporânea, especialmente com o aumento da circulação de conteúdos inverídicos. No Brasil, quatro em cada 10 pessoas relatam receber informações falsas diariamente, conforme pesquisa de 2022 conduzida pelo Poynter Institute, instituição americana de ensino e pesquisa em jornalismo (Guimarães; Rodrigues, 2022).

Durante a pandemia de Covid-19, estudo da União Pró-Vacina da Universidade de São Paulo (USP) revelou que, entre maio e julho de 2020, o número de publicações falsas sobre a vacina contra a Covid-19 cresceu 383%, especialmente em páginas do Facebook (Moreira, 2020). Em 2024, durante as enchentes que resultaram no estado de calamidade pública no Rio Grande do Sul, 31% dos entrevistados afirmaram ter recebido informações falsas relacionadas à tragédia, segundo pesquisa da consultoria Quaest (Helder, 2024). Rumores sobre impostos nas doações e multas para veículos de resgate comprometeram a ajuda humanitária e causaram confusão em meio a uma situação crítica.

Em um ambiente saturado de informações, a habilidade de distinguir entre o que é verdadeiro e falso tornou-se essencial, especialmente para adolescentes, que estão cada vez mais imersos na era digital. De acordo com o estudo TIC Kids Online Brasil 2023, do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), 95% da população de 9 a 17 anos utiliza a internet, e 99% dos adolescentes entre 15 e 17 anos possuem perfis em plataformas digitais. Entretanto, 43% deles não sabem verificar a autenticidade das informações que consomem.

A disseminação de conteúdos falsos traz sérias consequências para a sociedade, afetando particularmente os adolescentes, que estão em fase de formação de sua visão de mundo. Os jovens, frequentemente expostos a uma enorme quantidade de conteúdos nas redes sociais, absorvem informações imprecisas, tendenciosas ou



fabricadas. Essa exposição ocorre em várias plataformas, desde redes sociais até aplicativos de mensagens, onde a facilidade e a velocidade de compartilhamento superam, muitas vezes, a verificação da veracidade dos fatos (Wardle; Derakhshan, 2017).

Em busca de um conceito, é importante evitar o uso do termo *fake news* (notícias falsas). Isso porque notícias são informações verificáveis de interesse público, e conteúdo que não atende a esses critérios não merece ser chamado de notícia. Assim, a expressão "notícias falsas" é um oxímoro que pode prejudicar a credibilidade das informações verdadeiras e verificáveis. Portanto, para se referir a mentiras, conspirações, rumores, falsidades ou mídia manipulada, prefere-se o termo desordem informacional. Este termo abrange conceitos como desinformação, misinformação e malinformação (Wardle; Derakhshan, 2017).

Wardle e Derakhshan (2017) entendem a desinformação como um conteúdo intencionalmente falso, criado para causar danos. É motivado por diversos fatores, como ganho financeiro, influência política, tanto internacional quanto nacional, ou simplesmente para causar problemas. Já a misinformação descreve conteúdo falso, mas disseminado sem a pessoa perceber que é falso ou enganoso, sem a intenção de causar prejuízo. A malinformação é baseada em fatos, mas usada de forma a prejudicar alguém, uma organização ou um país. Exemplo disso ocorreu quando agentes russos invadiram e-mails do Comitê Nacional Democrata e da campanha de Hillary Clinton, vazando detalhes para o público com o objetivo de prejudicar reputações.

A desinformação tem sido característica da humanidade desde pelo menos a época romana, quando Marco Antônio conheceu Cleópatra e Otaviano travou uma campanha contra Marco Antônio com o objetivo de manchar sua reputação. Cleópatra e Marco Antônio tiveram três filhos juntos, mas a aliança provocou a ira de Roma, levando à famosa Batalha de Áccio em 31 a.C. A derrota foi feita por Otaviano, futuro imperador Augusto, que sabidamente assumiu a disseminação de “slogans curtos e contundentes escritos em moedas, no estilo arcaico” (Kaminska, 2017). O formato era similar aos atuais Tweets, e serviam como slogans onde Marco Antônio era retratado como mulherengo e bêbado. Fator que o colocava publicamente como o fantoche de Cleópatra, tendo sido corrompido por seu caso com ela. Otaviano tornou-se Augusto, o primeiro imperador romano e “notícias falsas permitiram que Otaviano hackeasse o sistema republicano de uma vez por todas”, afirma Kaminska (2017).



A invenção da imprensa por Gutenberg, por volta de 1450, marcou um ponto significativo na história da disseminação de informações, abrindo caminho para um aumento dramático na propagação tanto de informações verídicas quanto de desinformação. Este avanço tecnológico pavimentou o caminho para o que mais tarde seria reconhecido como a primeira grande farsa noticiosa em larga escala: “A Grande Farsa da Lua”, em 1835.

Na história, o jornal New York Sun veiculou uma série de seis artigos alegando a descoberta de formas de vida na Lua, sendo cada um desses textos acompanhados por ilustrações minuciosas retratando criaturas humanoides, morcegos e até mesmo unicórnios azuis barbudos, como sistematiza Brian Thornton (2000). Esse evento histórico marcou um ponto de virada, em que conflitos, mudanças de regime e calamidades passaram a ser utilizados como meios deliberados para propagar desinformação e rumores.

No século XX, a inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) expandiu de forma exponencial as possibilidades de comunicação, permitindo que substituíssemos os meios de comunicação de massa, baseados no paradigma “um-para-muitos”, para uma comunicação em rede, interconectada e cada vez mais próxima da realidade do usuário, onde bolhas formam-se à medida que interesses são compostos, desde opções de voto, até gostos culinários. Aprecia-se o que faz parte de um universo conhecido e próximo e odeia-se o que está do outro lado, em uma enorme polarização social que cada vez mais divide a sociedade.

O advento do rádio e da televisão também foram palco para a evolução do noticiário satírico, às vezes sendo confundido com algo real nas mentes dos consumidores de notícias. Finalmente, o desenvolvimento e popularização das mídias sociais no século XXI, multiplicou dramaticamente os riscos da desinformação e de fraudes.

Ambos, erros e conteúdos fraudulentos, tornam-se agora virais através da distribuição *peer-to-peer* (comunicação de muitos-para-muitos), enquanto a sátira noticiosa é regularmente mal interpretada e partilhada de novo como notícia pura por utilizadores das redes sociais. As autoras Cherilyn Ireton e Julie Posetti (2019) nos trazem um alerta: é possível afirmar que habitamos um mundo permeado por propaganda computacional, “redes de fantoches” patrocinadas pelo Estado, exércitos de trolls e tecnologia capaz de imitar sites de notícias legítimos, além de manipular áudio e vídeo com precisão para criar representações sintéticas de diversas fontes.



É um ambiente onde a confiança se polariza em torno do qual textos em formato noticiosos alinham-se com pontos de vista individuais e muitos consumidores de notícias sentem-se no direito de escolher ou criar os seus próprios fatos, que vão circular em plataformas de comunicação. Combinados, estes artefatos apresentam um nível de ameaça sem precedentes que podem abafar o jornalismo, além de contaminá-lo com a implicação de que não há nada que o distinga de informações falsas e fraudulentas de forma mais ampla.

Historicamente, a mídia noticiosa, frequentemente, foi vítima da desinformação, inclusive por meio de boatos disseminados como notícias. Na literatura científica brasileira e na grande imprensa, observamos a associação do termo desinformação com a condição de falta, lacuna ou mesmo desconhecimento em relação à informação, fator que leva à condição na qual uma pessoa ou grupo de pessoas não está informada ou não possui informações corretas sobre determinado assunto. Segundo essa perspectiva, o indivíduo se encontra em uma situação de déficit informacional devido à sua própria falta de conhecimento sobre o tema em questão. Conforme essa interpretação, desinformação implica na incapacidade do sujeito de adquirir por si só a informação necessária, o que o impede de formar suas próprias conclusões. É possível observar ainda a facilidade com que notícias falsas, controversas e a desinformação ganham especial contorno nos sistemas de redes sociais, território ainda desabitado por contornos reais e que garantam a veracidade da informação, acarretando graves riscos para as sociedades abertas de maneira mais abrangente.

Caminho metodológico e dados da pesquisa

Para analisar o comportamento dos adolescentes do Distrito Federal nas redes sociais e sua relação com informações falsas, este estudo realizou pesquisa com 180 estudantes do Ensino Médio de escolas públicas e privadas, com idade entre 15 e 17 anos. Os questionários foram aplicados em novembro de 2023 e março de 2024, por meio do projeto de extensão Conexão Resposta, desenvolvido na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC/UnB). Desde junho de 2023, quando foi criado, a iniciativa tem visitado escolas do Distrito Federal com ações de conscientização de boas práticas de comunicação nas redes sociais. Os materiais educativos do projeto, criados pelos universitários, incluem um guia de boas práticas nas redes sociais, cartazes digitais e um jogo on-line. Todos estão disponibilizados no perfil do projeto no Instagram (@conexaoresposta) e podem ser baixados

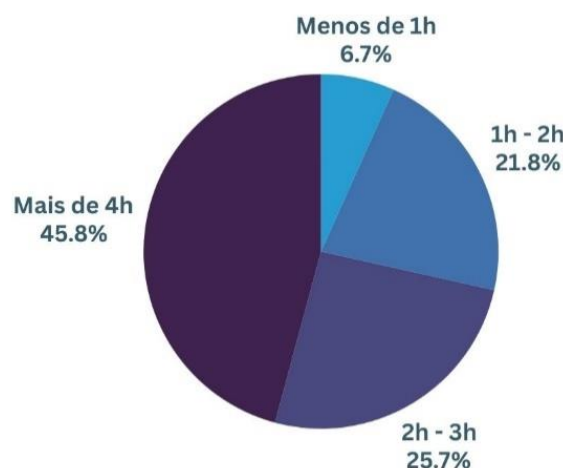


gratuitamente pelas escolas de todo o país. Entre os alertas, os adolescentes aprendem sobre os perigos do compartilhamento de informações falsas, a importância da segurança on-line, tolerância à diversidade e outros comportamentos éticos nas plataformas.

A metodologia utilizada para este estudo foi uma entrevista estruturada com 10 perguntas, aplicadas antes da apresentação dos universitários do Conexão Resposta nas escolas visitadas. As perguntas são: 1) com que frequência você utiliza as redes sociais? 2) quais as redes sociais você utiliza? 3) Na sua percepção, quanto essas plataformas impactam sua vida social? 4) na sua percepção, o quanto as redes sociais afetam sua produtividade? 5) você já enfrentou algum problema de cyberbullying nas redes sociais? 6) onde você busca primeiro a informação? 7) você segue algum jornal nas redes sociais? 8) você costuma verificar as fontes de informações que encontra nas redes sociais? 9) você já se arrependeu de algo postado em alguma rede social? 10) você já compartilhou alguma *fake news* e descobriu a verdade depois?

O questionário foi respondido por 180 estudantes. Entre os dados, 45,8% dos adolescentes entrevistados afirmaram passar mais de quatro horas nas redes sociais (Gráfico 1).

Gráfico 1: Frequência que os adolescentes entrevistados utilizam as redes sociais por dia.



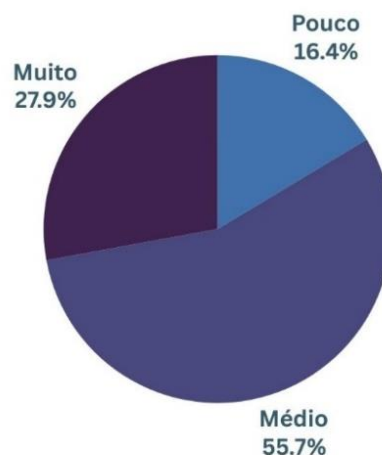
Fonte: Gráfico elaborado pelos autores.

Em relação à percepção do quanto as redes sociais afetam a produtividade, 55,7% dos estudantes acreditam ter efeito mediano; 27,9% afetar muito; e 16,4% pouco

(Gráfico 2). Esses dados sugerem a necessidade de intervenções educacionais que orientem os estudantes no desenvolvimento de estratégias para minimizar as distrações causadas pelas redes sociais. A conscientização sobre o uso saudável e equilibrado dessas plataformas é fundamental para melhorar a produtividade e o desempenho escolar dos jovens.

Essas consequências são destacadas pelo neurocientista francês Michel Desmurget (2019). Em sua obra, o autor argumenta que a exposição excessiva a dispositivos eletrônicos, como smartphones, tablets e computadores, está levando a uma queda significativa no QI dos adolescentes, comprometendo suas habilidades cognitivas, emocionais e sociais. Desmurget baseia suas conclusões em uma ampla gama de estudos científicos e dados estatísticos, revelando como o tempo de tela impacta negativamente o aprendizado, a atenção, a memória e o sono dos usuários.

Gráfico 2: Percepção dos adolescentes sobre o quanto as redes sociais afetam a produtividade.

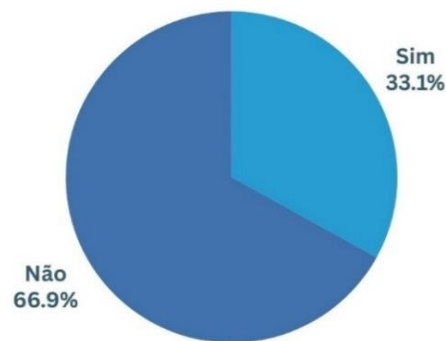


Fonte: Gráfico elaborado pelos autores.

Em relação aos adolescentes, Desmurget (2019) também alerta para o aumento do uso recreativo das telas em detrimento de seu uso como ferramenta educativa. Essa constatação é confirmada pela presente pesquisa realizada com estudantes do Distrito Federal. Embora 48% dos adolescentes entrevistados utilizem essas plataformas online como fonte primária de informação, 66,9% não seguem um jornal oficial nas redes (Gráfico 3). Além disso, muitos acreditam que os resultados que aparecem em primeiro lugar nos motores de busca são sempre as melhores fontes de informação.

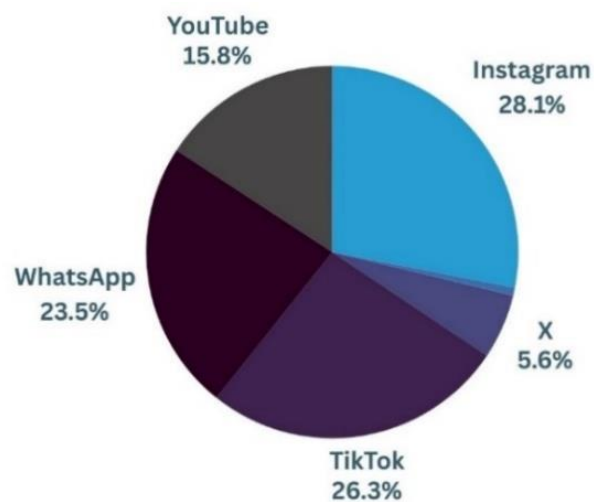


Gráfico 3: Os adolescentes entrevistados seguem algum jornal nas redes sociais?



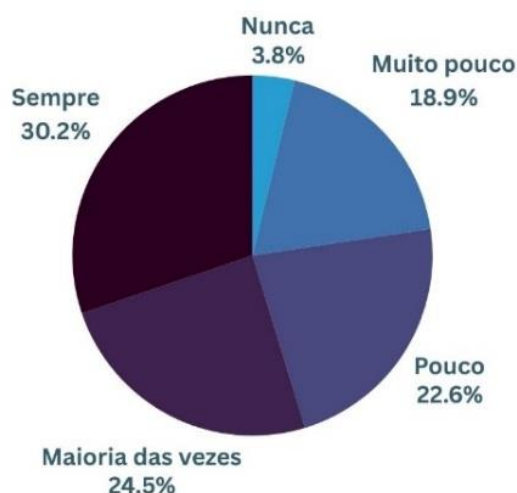
Fonte: Gráfico elaborado pelos autores.

Entre as redes sociais mais consumidas, os adolescentes entrevistados para esta pesquisa apontaram o Instagram em primeiro lugar (28,1%). Em seguida, o TikTok (26,3%), WhatsApp (23,5%), YouTube (15,8%), X (5,6%) e Facebook (0,4%) (Gráfico 4). Nota-se, portanto, que os dados dos estudantes do Distrito Federal seguem um comportamento nacional. Segundo a pesquisa TIC Kids Online Brasil 2023, conduzida pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), o Instagram (36%) é a plataforma mais utilizada pelos usuários de Internet de 9 a 17 anos, frente ao YouTube (29%); TikTok (27%) e o Facebook (2%) (TIC KIDS, 2023).

Gráfico 4: Redes sociais que os adolescentes entrevistados mais utilizam:

Fonte: Gráfico elaborado pelos autores.

Dos adolescentes entrevistados, 58,7% disseram que nunca sofreram cyberbullying e 19,8% não conhecem o termo. Por outro lado, 19% afirmaram que já passaram pela experiência. A prática trata-se de um grave problema social, já que o cyberbullying pode levar a consequências emocionais graves e até ao suicídio. Esse é um fenômeno que, com o tempo, foi ganhando variações, algumas estimuladas pela visibilidade proporcionada pela internet.

Gráfico 5: Você costuma verificar as fontes das informações que encontra nas redes sociais?



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores.

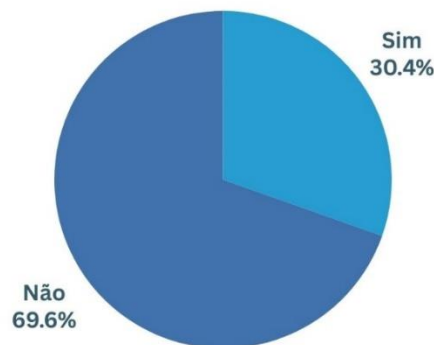
Em relação ao tema informações falsas, ao perguntar sobre a frequência que esses estudantes verificam as fontes dos conteúdos que encontram nas redes sociais, 30,2% disseram que sempre, 24,5%, na maioria das vezes; 22,6% pouco e 18,9% muito pouco (Gráfico 5).

Embora a maioria dos estudantes deste estudo afirme checar as informações antes de compartilhá-las, os dados revelam uma realidade crítica: 30,4% dos adolescentes entrevistados admitiram que já disseminaram algum conteúdo falso nas redes sociais e só descobriram isso posteriormente. Esse dado indica que, mesmo com alguns esforços para verificar a veracidade dos fatos, uma parcela significativa de jovens ainda compartilha informações falsas, o que pode ser atribuído a dificuldades em identificar conteúdos verdadeiros ou mesmo a confiança excessiva nas fontes.

Por outro lado, 69,6% dos estudantes afirmaram que nunca disseminaram informações falsas ou, se fizeram, não estavam cientes disso. Este grupo representa a maioria dos adolescentes, sugerindo que muitos estão relativamente bem-informados sobre a importância da verificação de informações ou são mais cuidadosos no consumo e compartilhamento de conteúdo online. No entanto, a falta de consciência sobre a disseminação de informações falsas também pode significar que alguns desses estudantes podem ter compartilhado sem perceber.

Esses dados, refletidos no Gráfico 6, reforçam a necessidade de uma educação midiática que não só ensine os estudantes a checar as informações, mas também a identificar as armadilhas comuns das informações falsas e a desenvolver um senso crítico mais apurado ao consumir e compartilhar conteúdo nas redes sociais.

Gráfico 6: Os adolescentes entrevistados já disseminaram alguma informação falsa e descobriram a verdade depois?



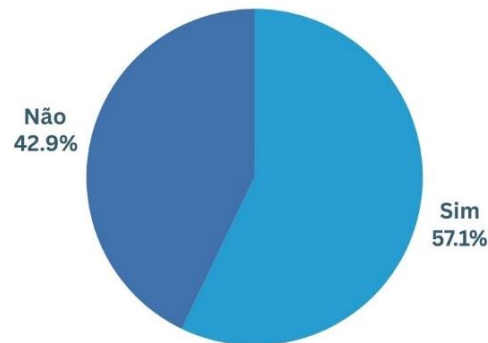
Fonte: Gráfico elaborado pelos autores.

Por fim, 57,1% dos entrevistados disseram que já se arrependeram de algo postado nas redes sociais (Gráfico 7), reforçando a dimensão significativa do impacto dessas plataformas na realidade dos adolescentes. Esse alto índice de arrependimento pode refletir a impulsividade comum nessa faixa etária, onde decisões são frequentemente tomadas sem considerar plenamente as consequências a longo prazo.

O arrependimento pode surgir por várias razões: posts feitos em momentos de emoção intensa, compartilhamento de informações pessoais que depois se tornam desconfortáveis ou comprometedores, ou a percepção tardia de que uma publicação foi inadequada ou ofensiva. Esse fenômeno também destaca a pressão social e o ambiente de julgamento constante nas redes sociais, onde as ações e palavras dos jovens são expostas a um público amplo e, muitas vezes, crítico.

A alta taxa de arrependimento entre os adolescentes também sublinha a necessidade de promover uma educação digital que não apenas enfoque na segurança on-line, mas também nas habilidades de autocontrole e reflexão crítica antes de postar. Ensinar os jovens a ponderar as possíveis repercussões de suas publicações pode contribuir para um uso mais consciente e responsável das redes sociais, ajudando a evitar situações de arrependimento e suas consequências emocionais.

Gráfico 7: Já se arrependeu de algo postado em alguma rede social?



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores.

Educação digital

Os dados acima refletem a urgência de uma educação midiática mais efetiva, tanto em casa quanto nas escolas. Vários autores consideram a necessidade de prepararmos melhor as novas gerações para serem cidadãos digitais mais informados, conscientes e ativos na interpretação do mundo que os rodeiam (Choi, 2016; Gleason; Von Gillern, 2018). Entre as estratégias pedagógicas de combate a disseminação de informações falsas nas redes sociais, Silva (2018) sugere a utilização do manual *Journalism, Fake News & Disinformation*, elaborado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), visando refletir sobre como as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) podem causar desordem informacional.

Outra proposta é incentivar os adolescentes a pensarem de forma crítica e aprender a checar as fontes das informações que recebem (Hague; Williamson, 2009). Ao ensinar habilidades como verificação de fatos e interpretação de conteúdo, a pedagogia crítica da mídia capacita os jovens a se tornarem cidadãos mais informados. Essas ferramentas de conscientização não se limitam a identificar a desinformação, mas também promovem o desenvolvimento de habilidades de comunicação mais eficazes. Neste caminho, todos aprendem a expressar suas ideias de maneira clara e persuasiva, além de reconhecer a importância do diálogo respeitoso e da diversidade de opiniões na construção de uma sociedade mais plural e democrática.



Buscando propor novas ferramentas pedagógicas para uma educação midiática nas escolas, os alunos da FAC/UnB desenvolveram o projeto de extensão Conexão Resposta, lançado em 30 de junho de 2023, Dia Mundial das Redes Sociais. A iniciativa oferece um Guia de Boas Práticas nas Redes Sociais, cartazes digitais e um jogo educativo on-line (Figura 1). Todos esses materiais estão disponibilizados no Instagram do projeto (@conexaoresposta) para que escolas de todo o país possam baixar gratuitamente e utilizar as ferramentas em sala de aula. O guia está cadastrado na Biblioteca Digital de Coleções Especiais da Biblioteca Central da UnB (BDCE). ³O material possui 10 páginas, com seis alertas para o uso das redes sociais: 1) cuidado com as informações pessoais; 2) saiba reconhecer comunidades tóxicas; 3) não propague mensagens de ódio; 4) tolerância às diferenças; 5) Fake News; e 6) onde denunciar. No tópico “Fake News”, o guia orienta o leitor a verificar as informações sempre e compartilhar apenas as de fontes confiáveis.

Para despertar o engajamento dos adolescentes sobre o tema, o projeto desenvolveu um jogo on-line (Figura 1). Nesse jogo, os participantes escolhem um celular virtual, jogam o dado e avançam pelas casas de um tabuleiro. Cada quadrante oferece dicas de boas práticas e curiosidades sobre as redes sociais, incluindo conteúdos sobre a disseminação de informações falsas. O jogo, que pode ser trabalhado em equipe, é uma ferramenta dinâmica e interativa que facilita a aprendizagem e a conscientização, tornando o processo educativo mais atraente e eficaz para os adolescentes.

³ Disponível em: <https://bdce.unb.br/bibliodex/conecte-se-com-resposta-um-guia-de-boas-praticas-nas-redes-sociais/> Acesso em 04 mai. 2025

Figura 1: Jogo Conexão Resposta.

Fonte: Instagram @conexaoresposta.

Considerações finais

A colaboração entre escolas e universidades é essencial para moldar o futuro da sociedade digital. As soluções propostas neste artigo não abrangem todas as variáveis do vasto ciberespaço, mas representam um ponto de partida crucial para um debate urgente e relevante sobre o futuro da sociedade digital contemporânea. A parceria entre essas instituições é vital para enfrentarmos os desafios impostos pela disseminação de informações falsas nas redes sociais. Essas medidas fortalecem os pilares da democracia, promovendo uma participação cívica mais ativa e informada.

A desinformação nas redes sociais não só distorce a percepção da realidade entre os adolescentes, mas também compromete a qualidade do debate público e a tomada de decisões fundamentadas. Portanto, é fundamental educar os jovens para que sejam usuários críticos e conscientes dessas plataformas. Programas educacionais integrados, workshops e seminários, em conjunto com pesquisas conduzidas por universidades, podem fornecer ferramentas valiosas para que os adolescentes naveguem de forma segura e responsável no ambiente digital.

Essa abordagem colaborativa também deve envolver a criação de currículos que abordem a ética digital, a cidadania on-line e a responsabilidade social. Promover um ambiente de aprendizado que valorize a veracidade das informações e o respeito ao próximo é essencial para formar cidadãos preparados para os desafios da era digital.

Além disso, a promoção de campanhas de conscientização, como o projeto Conexão Resposta, e o desenvolvimento de plataformas que verifiquem a veracidade



das informações são passos importantes para avanços neste cenário. Incentivar o uso responsável das redes sociais pode transformar os adolescentes em agentes de mudança positiva, capazes de influenciar seus pares e contribuir para uma internet mais segura e informada. Um ambiente onde a conexão digital seja exercida com mais responsabilidade e ética, fortalecendo a democracia e a sociedade como um todo.

Referências

CHOI, Moonsun. A Concept Analysis of Digital Citizenship for Democratic Citizenship Education in the Internet Age. **Theory & Research in Social Education**, [S.L.], v. 44, n. 4, p. 565-607, 25 ago. 2016. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/00933104.2016.1210549>.

DESMURGET, Michel. **Cretinos Digitais: os perigos das telas para nossos filhos**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

GLEASON, Benjamin; VON GILLERN, Sam. Digital citizenship with social media: participatory practices of teaching and learning in secondary education. **Participatory practices of teaching and learning in secondary education**. 2018. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26273880>. Acesso em: 23/3/2024.

GUIMARÃES, Pedro; RODRIGUES, Cleber. 4 em cada 10 brasileiros afirmam receber fake news diariamente. **CNN**, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/4-em-cada-10-brasileiros-afirmam-receber-fake-news-diariamente/#:~:text=No%20Brasil%2C%20quatro%20em%20cada,o%20%C3%ADndice%20osobe%20para%2065%25>. Acesso em 12.5.24.

HAGUE, Cassie; WILLIAMSON, Ben; FUTURELAB. **Digital participation, digital literacy, and school subjects: A review of the policies, literature and evidence**, 2009. Disponível em: <https://www.nfer.ac.uk/media/suugq2ar/futlo8.pdf>. Acesso em: 22/3/2024.

HELDER, Darlan. Quaest: 31% disseram ter recebido alguma notícia falsa sobre a tragédia no Rio Grande do Sul. **G1**, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/13/quaest-31percent-disseram-ter-recebido-alguma-noticia-falsa-sobre-a-tragedia-no-rio-grande-do-sul.ghtml>. Acesso em 10.5.24.

IRETON, Cheryl; POSETTI, Julie. **Jornalismo, Fake News & Desinformação: Manual para educação e treinamento em jornalismo**. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura–UNESCO, 2019.

JENKINS, Henry. **Convergence Culture: Where Old and New Media Collide**. New York: New York University Press, 2006.

KAMINSKA, Izabella. **A module in fake news from the info-wars of ancient Rome**. Financial Times, 2017. Disponível em: <https://www.ft.com/content/aaf2bb08-dca2-11e6-86ac-f253db7791c6>



MOREIRA, Matheus. Fake news sobre covid-19 produzida por grupos antivacinas salta 383% diz estudo. **Folha de S. Paulo**, 2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/08/fake-news-sobre-covid-19-produzida-por-grupos-antivacina-saltam-383-diz-estudo.shtml>. Acesso em 14.5.24.

SILVA, Tammi Schalm da. **Fake News**: como ensinar os alunos a lidarem com essa realidade? Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídias na Educação). Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018. Editora: Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/203240/001108934.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22/3/24.

THORNTON, Brian. The Moon Hoax: Debates About Ethics in 1835 New York Newspapers. **Journal of Mass Media Ethics**, 15(2), 89-100, 2000. Disponível em: Acesso em: 18/3/24

TIC KIDS ONLINE BRASIL. **Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil**. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2023. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/kids-online/indicadores/>.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information Disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Council of Europe, 2017. <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277>



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.